

NARRATIVAS LENDÁRIAS DA CULTURA AMAZÔNICA: UM RECURSO PARA O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA NO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DA CIDADE DE PARINTINS/AM

Maria Catarina Teixeira Rolim; Cristiane Socorro Okamura de Farias; Professora Dr^a.

Edinelza Macedo Ribeiro

Universidade do Estado do Amazonas – UEA katarina.rt@hotmail.com

Universidade do Estado do Amazonas – UEA crisokamura@hotmail.com

Universidade do Estado do Amazonas - UEA ediribeiro27@hotmail.com

Resumo: A leitura e a escrita se constituem em atividades relevantes do processo ensino aprendizagem e assumem importância central entre as relações estabelecidas pelas sociedades humanas. Diante disso, este trabalho tem como objetivo central investigar de que forma as narrativas lendárias da cultura amazônica contribuem para o processo ensino aprendizagem da leitura e escrita no 4º ano do ensino fundamental de uma escola municipal da cidade de Parintins/AM. A presente proposta emergiu de inquietações pessoais e acadêmicas, bem como da necessidade de se discutir a temática em questão. Como suporte teórico, utilizou-se os estudos de Castello-Pereira (2005), Cascudo (2011), Barbosa (1994), Weitzel (1995), Coelho (2003), Britto (2007), Justo & Rubio (2013) entre outros que serviram de ponto de ancoragem para nossas discussões e reflexões. O estudo recebeu o viés metodológico da pesquisa de natureza qualitativa e como método de abordagem utilizou-se o Dialético. Esse estudo apoia-se nas técnicas de observação participante e entrevistas semiestruturada. A pesquisa foi realizada no lócus de uma escola municipal e participaram 1 (um) docente que atua no 4º ano do Ensino Fundamental, 24 (vinte e quatro) educandos da turma investigada, sendo que 10 (dez) responderam as entrevistas semiestruturada, contribuindo para o desenvolvimento desta investigação. Quanto aos resultados da pesquisa, acredita-se que o trabalho desenvolvido contribui significativamente para o desenvolvimento de estratégias eficazes no processo de ensino aprendizagem da leitura e da escrita garantindo procedimentos norteadores em sala de aula. Dessa forma, esta pesquisa revelou-se que o trabalho com os gêneros textuais de forma geral, em especial com o gênero da lenda permite a construção de um processo ensino aprendizagem da leitura e da escrita, menos afanoso e mais atraente.

Palavras-chave: narrativas lendárias, processo ensino aprendizagem, leitura, escrita.

INTRODUÇÃO

Historicamente, os primeiros homens que habitaram a terra não tinham o domínio da tecnologia da escrita e da leitura, de modo que a tradição oral foi por muito tempo o único meio de comunicação, divulgações da memória individual e coletiva, de transmitir conhecimentos de diferentes povos, lugares e épocas distintas.

De acordo com Weitzel (1995) a linguagem oral também denominada por ele de literatura oral foi à primeira manifestação da ciência literária, pois transmitida de boca em boca, de geração em geração, foi levada a todos os recantos da terra.

E o homem mobilizado na busca para compreender e esclarecer os fatos, as coisas da vida, os fenômenos naturais, os acontecimentos inexplicáveis, bem como o surgimento do próprio universo físico e dos seres vivos que habitam nele criou as lendas e os mitos. Onde se engajam em seus enredos deuses, monstros, seres sobrenaturais, heróis, gigantes entre outras criaturas fantasiosas. E é nesta confusão das sombras mentais que se fundam as criações mitológicas que se transmitem diversicoloridas de geração em geração através das idades (CASCUDO, 2011).

A etimologia da palavra lenda vem do latim do verbo *legenda/legen* que significa ler ou o que deve ser lido. A lenda existe desde a formação do clã, da sociedade e os temas se desenvolvem com preocupações semelhantes em todas as culturas (BAYARD, 2002).

É relevante ressaltar que no Brasil, o folclore é extremamente rico e maravilhoso em narrativas lendárias. Onde o Lobisomem, o Saci Pererê, Boitatá, Boto, Mula-sem-cabeça, Cuca, Caipora, Negrinho do Pastoreio entre outras se destacam no cenário nacional.

Deste modo, as lendas amazônicas se constituem em uma forma atraente, divertida, dinâmica e criativa para se trabalhar as competências linguísticas nos anos iniciais do Ensino Fundamental. É por meio da magia e da fantasia impregnada nessas narrativas que o professor pode despertar a vontade e o interesse do educando pela leitura e pela escrita, favorecendo o conhecimento da cultura local e elevação de sua identidade cultural.

Assim, consideramos que a leitura e a escrita se constituem em atividades enriquecedoras do processo ensino aprendizagem e assumem importância central entre as relações estabelecidas pelas sociedades humanas. Nesse contexto, as narrativas lendárias enquanto gênero textual faz parte da cultura e do imaginário do homem da Amazônia, embora sejam trabalhadas muitas vezes apenas em datas comemorativas.

Diante disso, o presente artigo apresenta os resultados da pesquisa desenvolvida em uma escola da rede Pública Municipal da cidade de Parintins/AM, com o objetivo de compreender de que forma as narrativas lendárias da cultura amazônica contribuem para o

processo ensino aprendizagem da leitura e escrita no 4º ano do ensino fundamental de uma escola municipal da cidade de Parintins/AM.

O despertar do interesse em realizar este estudo se traduz pelo fato de acreditarmos que trabalhar as narrativas lendárias da cultura amazônica como forma de saber contextualizado é um excelente recurso para a aquisição das competências linguísticas nos educandos, uma vez que a região Amazônica além de toda sua exuberância e biodiversidade é rica em produção e diversidade cultural.

METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido a partir das matrizes metodológicas da pesquisa qualitativa. Triviños (2008) destaca a importância desse tipo de pesquisa para explicar e compreender o desenvolvimento da vida humana e de seus diferentes significados no devir dos diversos meios culturais.

Dessa forma, optamos por uma abordagem crítica e reflexiva para compreendermos dialeticamente o fenômeno investigado. Com isso, recorreremos ao método de abordagem Dialético, pois este busca valorizar a contradição dinâmica do fato observado e a atitude criadora do sujeito que observa as oposições contraditórias entre o todo e as parte e os vínculos do saber e do agir com a vida social dos homens (CHIZZOTTI, 2010).

Optamos pela técnica de observação participante, pois entendemos que a observação na pesquisa qualitativa é uma técnica de coleta de informações imprescindível, capaz de subsidiar que o pesquisador vivencie a realidade social onde reside o seu objeto de estudo. E para que alcançássemos mais informações sobre o fenômeno investigado recorreremos à entrevista semi-estruturada, pois acreditamos que é preciso dá voz aos sujeitos envolvidos nesta investigação.

O lócus de investigação desta pesquisa foi a Escola Municipal “Vitória Regia¹”, localizada na Avenida Nações Unidas, 3110 Centro da cidade de Parintins. A mesma foi fundada no dia 15 de outubro de 1987, na gestão do Prefeito Gláucio Bentes Gonçalves. Atualmente a escola atende a uma clientela de aproximadamente 150 educandos, sendo distribuídos nos turnos matutino e vespertino de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

¹ Optamos em atribuir nome fictício a escola para promover a valorização do contexto local, bem como valorizar as próprias narrativas lendárias da cultura amazônica.



Figura 01: Escola Vitória Régia.
Fonte: Rolim; Farias; Ribeiro (2014).



Figura 02: Sala de aula investigada.
Fonte: Rolim; Farias; Ribeiro (2014).

Os sujeitos que emprestaram suas vozes ao nosso estudo tratam-se da professora da sala investigada e de 10 educandos, estes têm idade entre 09 e 12 anos, sendo 05 do sexo feminino e 05 do sexo masculino. Com isso, optamos em atribuir-lhes nomes fictícios, cuja inspiração emergiu pelos nomes dos personagens das narrativas lendárias da cultura amazônica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer da investigação tivemos a oportunidade de acompanhar algumas atividades, permitindo-nos averiguar algumas situações com relação à prática da leitura e da escrita, na tentativa de compreendermos o nível de aprendizagem das crianças.

Durante nossas vivências na turma investigada observamos que de maneira geral, a professora vem trabalhando a leitura em sala de aula através de pequenos textos. Onde presenciamos com mais frequências o uso de contos e fábulas.

No entanto, percebemos que trabalhos envolvendo a escrita de diferentes textos, assim como produção textual não foram trabalhados durante nossa pesquisa pela professora com os educandos. De acordo com os PCNs “o trabalho com produção de textos tem como finalidade formar escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes” (BRASIL, 1997, p. 47).

Para Barbosa(1994, p.129) “a escola deve proporcionar uma experiência rica de situação do uso da escrita, favorecendo especialmente aquelas crianças que não tiveram a oportunidade de viver estas experiências em seu meio social e familiar”.

A professora trabalha com os educandos geralmente a leitura coletiva, individual e interpretação do texto. A educadora explorava a leitura principalmente dos alunos que mais apresentavam dificuldades. Nesta dimensão, a leitura tem que ser uma prática prazerosa, o leitor tem que ser estimulado a ler, e a gostar de ler, pois é necessário não apenas decifrar sons

e letras, mas entender os significados do uso da leitura em diferentes contextos (JUSTO; RUBIO, 2013).

Em diálogo com a professora Iara objetivando compreender sua prática pedagógica, uma vez que identificamos dificuldades no processo de leitura e escrita. O ponto de partida foi sabermos quais gêneros textuais a educadora trabalhou com a turma investigada. Em seu relato a professora afirma que “Eu já trabalhei textos informativos, textos práticos, textos assim que eu amo de paixão que é a literatura, a poesia, paródia e rimas. Esse período eu trabalhei com eles poesia e rimas, eles adoraram” (IARA, 2014).

Corroborando com o discurso da profissional, Castelo-Pereira (2005, p. 76) vem discutir que “as atividades de leitura devem ser variadas, sendo que o professor deverá possibilitar que o aluno se confronte com diferentes estilos, com diferentes portadores, com diferentes visões de mundo e com diferentes gêneros”.

Desse modo é necessário que a escola possibilite ao educandoa experiência com diversos textos para contribuir com o enriquecimento da sua aprendizagem. Assim, questionamos a professora sobre o que ela compreendia por narrativas lendárias da cultura amazônica. Segundo a educadora “Pelo que eu conheço e entendo são histórias que passam de geração para geração e que fazem parte da nossa cultura. Essas histórias são cheias de mistérios e não sabemos se de fato é real ou não” (IARA, 2014).

Percebemos que a professora Iara tem conhecimento sobre as narrativas lendárias e considera como parte da cultura, mas apresenta dúvidas sobre a veracidade. Dessa forma é preciso definir o que é lenda, e a respeito o Dicionário do Folclore Brasileiro Luís Câmara Cascudo (2011, p. 511) define lenda como:

Episódio heroico ou sentimental com o elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo. [...], possui características de fixação geográfica e pequena deformação. Liga-se a um local, como processo etiológico de informação, ou à vida de um herói, sendo parte e não todo biográfico ou temático.

Para Coelho (2003) as lendas tratam de fenômenos e coisas que o ser humano não compreendia: espécies animais, assombrações e fenômenos metafísicos, como deuses, espíritos e forças sobrenaturais e podem ser contada por qualquer indivíduo em qualquer ocasião.

Com isso, fica evidente que a lenda em quanto gênero textual somente com o tempo passou para forma escrita. A mesma baseia-se em fatos reais, históricos e geográficos que com o tempo foram transformados e acrescidos pela imaginação e fantasia humana.

Diante do exposto é relevante que haja a conservação e divulgação das lendas enquanto gênero textual e como tradição oral, pois elas exaltam a exuberância cultural dos estados brasileiros. A sua valorização permite a manutenção dos costumes que estão sendo extintos, bem como as reuniões familiares e as rodas de conversas, tanto nas cidades como no campo.

Desse modo, esses textos precisam ser trabalhados em contínuo nas atividades escolares, por isso durante a entrevista buscamos saber se a professora Iara costuma trabalhar o processo ensino aprendizagem da leitura e da escrita por meio de lendas da cultura amazônica. A educadora nos relata que “Sim, eu já trabalhei esse ano a lenda do Boto e a partir dela trabalhei o texto narrativo, a poesia e a rima com os alunos. Eles até apresentaram uma peça teatral envolvendo os três, a dramatização, a poesia e as rimas” (IARA, 2014).

Conforme a declaração da profissional fica evidente que ela trabalhou com uma lenda amazônica, porém observamos que o trabalho realizado foi somente na festa setembrina promovida pela escola, onde foram enfocadas atividades que envolveram aspectos regionais. O que podemos refletir que essa prática infelizmente é comum em alguns contextos educacionais, onde a literatura regional é apenas lembrada em datas comemorativas.

Essa reflexão pode ser constatada na fala da professora, quando questionamos se durante o ano letivo ela trabalhou as narrativas lendárias na turma investigada, onde a mesma respondeu que “Sim, foi à lenda do Boto e foi na festa setembrina aqui na escola, onde os alunos tinham que apresentar algo e me veio logo na cabeça a lenda do Boto” (IARA, 2014).

No que concerne ao processo de ensino aprendizagem, sabemos que a escola enfrenta diversos desafios. Estando a leitura e a escrita presente nesses desafios no espaço escolar. Durante as observações, percebemos que algumas crianças apresentam dificuldades na leitura e escrita e entre elas as mencionadas pela professora como “dificuldades de pontuação, formação de frases, interpretação e produção de textos compreensíveis”(IARA, 2014).

As causas dessas dificuldades são as mais diversas possíveis e não se restringi apenas ao aspecto educacional, mas se estende a toda uma conjuntura social em que o estudante está inserido. E nesse sentido a professora ainda salientou que:

Quando não temos o apoio da família é muito difícil. A criança chegar e falar a situação da família e como vivem, às vezes nós tentamos ajudá-los. Um dos maiores problemas é o grande número de faltas dos alunos e a ajuda da família que as crianças não recebem em casa. Acredito que a educação não é feita somente pela escola, a escola contribui, auxilia, ajuda sim, mas o principal, a base tá na família (IARA, 2014).

Corroboramos com a concepção da professora de que a ausência da família, bem como a própria falta de incentivo tem se tornado uma problemática e que vem implicando na aprendizagem dos educandos. Conforme advoga Seber (2009, p. 26) “o ritmo próprio de cada criança para aprender pode variar tanto quanto a qualidade das estimulações propiciadas pelo meio social em que ela cresce”.

No entanto, alguns pais esquecem que à base da educação é a família e que o seio familiar é de suma importância na formação do educando. E este papel não pode se restringir somente as instituições de ensino.

Diante disso, observar a prática docente e ouvir a professora da turma investigada foi de grande relevância para fomentar nossas discussões. O diálogo tecido foi extremamente significativo, haja vista que nos possibilitou compreender a prática pedagógica da professora.

Desse modo não poderíamos deixar de ouvir os educandos da turma investigada, pois estes são partes integrantes e indissociáveis de nossa pesquisa. Assim, precisamos conhecer as perspectivas dos alunos em relação ao que é trabalhado em sala de aula.

Nessa perspectiva, não poderíamos limitar e sustentar um olhar reducionista sob esse sujeito de direito, mas se fez necessário buscar um novo horizonte que se abre para este universo infantil, buscando ouvir suas vozes, dar vez a esses atores sociais de expor suas opiniões. Daí a importância de “[...] enveredamos nossos olhares ao reconhecimento desta condição social de sujeito” (MUBARAC SOBRINHO, 2009, p. 05).

Com isso, queremos romper com o paradigma no qual nas práticas sociais e nas produções acadêmicas têm se negado as crianças o direito à voz e à participação em questões que lhes dizem respeito (PRADO, 2011). Em consonância com este pensamento Soares (2006) alude que os estudos que tem relação com o campo da infância precisam considerar a participação da mesma na investigação, pois isto é,

[...] mais um passo para a construção de um espaço da cidadania da infância, um espaço onde a criança está presente ou faz parte da mesma, mas para além do mais, um espaço onde sua ação é tida em conta e é indispensável para o movimento da investigação (IDEM, 2006, p. 28-29).

Partindo desta perspectiva, questionando e escutando os educandos em uma interação dialética. A princípio indagamos se os educandos gostam da aula da professora, porém as crianças entrevistadas foram unânimes ao afirmarem que gostam da aula da educadora.

Os estudantes destacaram que a mesma explica bem os conteúdos e assim subsidia no entendimento dos mesmos. Tal situação fica bem evidente na narrativa de Iaça “Sim, gosto

muito da aula da professora, porque ela explica bem e dá para gente responder todas as nossas atividades” (Iaçã, 2014).

Partindo do interesse de desvelar se a professora costuma trabalhar a leitura e a escrita com os educandos, indagamos a eles se isso ocorre. Os educandos entrevistados responderam que sim. De acordo com educando Honorato “a leitura tem sempre, mas a escrita de textos só algumas vezes” (Honorato, 2014), corroborando com nossas observações.

Desse modo destacamos que o trabalho da professora no que concerne à leitura acontece quase todos os dias, no entanto a produção textual propriamente dita apareceu com mais frequência em datas memorativas.

Assim, com a finalidade de verificar se os educandos conheciam alguma lenda amazônica e qual lenda, obtivemos as seguintes respostas:

Honorato (12): Sim, Boto e Iara
Iaçã (10): Sim, Curupira, Boto e Cobra-grande.
Lua (09): Sim, Boto.
Mani (11): Sim, Vitória-régia e Saci Pererê.
Marupiara (09): Não.
Mira-bóia (10): Sim, Boto e Cobra-grande.
Naiá (10): Sim, Boto, Saci Pererê, Vitória-Régia e Curupira.
Uribici (09): Sim, Curupira, Cobra-grande e Boto.
Piripari (11): Sim, Boto, Iara e Cobra-grande.
Rubiatá (10): Sim, Boto e Saci Pererê.

Durante a entrevista algumas crianças incluíram o “Saci Pererê” do folclore brasileiro nas suas falas. Os educandos conhecem a lenda do “Saci Pererê” e acreditam que esta faz parte das lendas amazônicas. Dessa forma, podemos observar que essas crianças não tem discernimento quanto à distinção das lendas pertencentes ao contexto regional e as de âmbito nacional.

Segundo os estudantes entrevistados a única lenda que a professora trabalhou foi à lenda do boto o que vem convalidar a fala da professora durante a entrevista. Sendo que todos os estudantes entrevistados afirmaram que gostariam que a professora trabalhasse mais a leitura e a produção textual através de narrativas lendárias da cultura amazônica.

Os resultados das observações em sala de aula apontam que alguns educandos ingressos no 4º ano do ensino fundamental da turma investigada, apresentam dificuldades no processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Em decorrência dessa situação, buscamos por meio de uma oficina pedagógica elaborar estratégias visando o uso das lendas amazônicas no desenvolvimento das competências da leitura e da escrita, tão necessárias para a alfabetização e para o letramento.

A **oficina** foi denominada “Lendo e escrevendo por meio de narrativas lendárias da cultura amazônica” e foi realizada em 28/11/2014 na turma investigada, utilizada também como aula de regência enquanto parte integrante do estágio supervisionado II. A oficina apresentou-se como proposta interdisciplinar envolvendo as disciplinas Língua Portuguesa e Ensino de Artes.

A oficina teve como objetivo geral estimular o processo de leitura e escrita através da lenda do Boto. E os específicos foram explicar o que é o gênero textual da lenda; realizar a leitura coletiva da lenda do boto com os estudantes e possibilitar que os educandos produzam coletivamente a lenda do boto a partir de seu ponto de vista e imaginação em forma de história em quadrinhos.

Essa atividade foi priorizada por permitir a imaginação infantil e fazer com que os estudantes produzissem em grupo parte de uma história em quadrinhos que foi construída coletivamente pela turma. A opção pela escolha da atividade em quadrinho que também é um gênero textual deu-se por ser um trabalho suficientemente rico, cheios de operações lógicas e fantásticas, independente, a imaginação da criança não assiste, mas é solicitada a tomar posição a analisar e sintetizar, classificar e decidir (RIZZI, 2003).

A princípio, começamos a oficina questionando sobre os conhecimentos prévios dos educandos a respeito das lendas amazônicas. Em seguida fizemos uma breve explanação sobre o surgimento das lendas e sua conceituação. Por conseguinte apresentamos imagens de algumas lendas pertencentes do folclore amazônico e por fim apresentamos a lenda do Boto.

Britto (2007) faz referência a essa lenda discorrendo que é o boto vermelho ou cor-de-rosa é tido como o Dom Juan das águas, sedutor de moças donzelas e mulheres casadas, enquanto o boto tucuxi também conhecido como preto é o protetor das águas e dos pescadores.

Em seguida realizamos uma leitura coletiva da lenda do Boto com os estudantes e prosseguimos explicando sucintamente o que é história em quadrinhos e como se produz uma. Após isso organizamos os 24 estudantes presentes em 06 grupos com 04 integrantes. Foi entregue a cada grupo um parágrafo da lenda do Boto impressa e 2 folhas A4 em branco, para a construção de parte da história em quadrinho que lhes competia, conforme nossas orientações.

A partir da compreensão da lenda do Boto, os estudantes construíram a atividade de forma criativa, tecendo pequenos diálogos entre os personagens da história. Os educandos produziram a lenda com sua própria criatividade e espontaneamente, os mesmos colocaram seus pensamentos e recriaram a história de uma forma peculiar.



Figura 03: Estudantes construindo o material proposto.
Fonte: Rolim; Farias; Ribeiro (2014).



Figura 04: Produto final montado pelos educandos.
Fonte: Rolim; Farias; Ribeiro (2014).

A atividade desenvolvida possibilitou também a interpretação da lenda por meio dos desenhos que os educandos elaboraram para assim compor o produto final na proposta da oficina. Nessa experiência o desenho infantil constitui-se em um elemento mediador de conhecimento, pois é partir do desenho que a criança organiza informações, processa experiências vividas e pensadas contribuindo na sua aprendizagem (GOLDBERG, 2005).

Após o término da atividade, montamos juntamente com os estudantes a história em quadrinho em forma de um painel. Em seguida foi fixado na parede da sala por sugestão dos próprios alunos, onde se pôde compartilhar uma leitura coletiva. As crianças ficaram entusiasmadas com a oficina, onde demonstraram o interesse em outros trabalhos como este.

A professora da turma também expressou seu agradecimento, onde evidenciou a importância do desenvolvimento desse tipo atividade para contribuição do processo de ensino aprendizagem, ainda ressaltou a relevância da parceria entre Universidade e escola em mobilizar ações que venham a somar para o processo educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos evidenciar como as narrativas lendárias da cultura amazônica contribuem para o processo ensino aprendizagem da leitura e escrita no 4º ano do ensino fundamental de uma escola municipal da cidade de Parintins/AM. Logo afirmando que os objetivos traçados para este estudo científico foram alcançados.

Ao refletir sobre esse estudo constatamos e aprendemos que é possível e enriquecedor se ensinar a ler e a escrever por meio de lendas, que também contribuem para mobilizar os processos cognitivos na criança, estimulando a imaginação e valorizando o contexto onde a mesma se insere.

De modo geral, a pesquisa de campo nos permitiu identificar as dificuldades que os educandos da turma investigada apresentaram na leitura e na escrita. De forma que ao dar vez e voz aos sujeitos da pesquisa foi possível refletir sobre a prática docente e sobre os principais desafios vivenciados nos processos do ensino e da aprendizagem dessas competências investigadas em sala de aula.

Quando concluímos a oficina constatamos que é possível utilizarmos esse gênero textual no ensino aprendizagem da escrita e da leitura. Haja vista que os resultados foram alcançados na medida em que os educandos participaram intensamente dos processos de reconstrução do que propomos o que possibilitou darem um novo significado aos seus conhecimentos.

Com isso, entendemos que o trabalho com Fábulas, Crônicas, Contos de Fadas, Diário, Lista de compras, Relatos (viagens, históricos, etc.) entre outros tipos de textos podem ser um recurso dinâmico para se trabalhar não somente no Ensino de Língua Portuguesa, mais nas outras disciplinas de forma interdisciplinar. Dessa forma, oportunizar aos educandos o contato com as diversidades textuais enriquece e potencializa seu aporte social e intelectual.

Entretanto, não estamos querendo proferir que o uso das narrativas lendárias vai amenizar ou abolir o problema da leitura e da escrita nas salas de aulas, mas estamos apontando uma possibilidade para se trabalhar essas competências e valorizar o que é nosso.

Enfim, acreditamos que o trabalho desenvolvido contribuiu significativamente para o desenvolvimento de estratégias eficazes no processo de ensino aprendizagem da leitura e da escrita garantindo procedimentos norteadores em sala de aula. Dessa forma, esta pesquisa nos revela que o trabalho com os gêneros textuais de forma geral, em especial com o gênero da lenda permite a construção de um processo ensino aprendizagem da leitura e da escrita, menos afanoso e mais atraente.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério. 2º grau Série formação do professor-v 16).

BAYARD, Jean-Pierre. **História das Lendas**. Edição eletrônica: 2002. Disponível em: <http://www.psb40.org.br/bib/b223.pdf>. Acesso em: 05 de nov de 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais –Ensino fundamental - Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRITTO, A. S. **Lendário Amazônico**. Manaus, Brasil: Norte Editorial, 2007.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11 ed. São Paulo: Global. 2011.

CASTELLO-PEREIRA, Leda Tessari. **Leitura de estudo: ler para aprender e estudar para aprender a ler**. 2. ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2005.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativas em ciências humanas e sociais**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

COELHO, Maria do Carmo Pereira. **As narrações da cultura indígena da Amazônia: lendas e histórias**. 2003. 223 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

GOLDBERG LG; Yunes MAM; Freitas JV. **O Desenho Infantil na Ótica da Ecologia do Desenvolvimento Humano**. Maringá, 2005.

JUSTO, Márcia Adriana Pinto da Silva; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. Letramento: O uso da leitura e da escrita como prática social. **Revista Eletrônica Saberes da Educação** – Volume 4 – nº 1 – 2013.

MUBARAC SOBRINHO. Roberto Sanches. **Metodologias de pesquisas com crianças: outros mapas, novos territórios para infância**. Apresentado no Colóquio Caminhos de futuro: Novos mapas para as Ciências Sociais e Humanas na cidade de Coimbra, junho de 2008 e publicado no ECadernosCES, Coimbra, 2009.

PRADO, Renata Lopes Costa. O pesquisador e as crianças em investigações sobre a infância: algumas considerações. **Veras. Revista acadêmica de Educação do ISE Vera Cruz**.v.1, n.1 (2011). ISSN 2236-5729.

RIZZI, Maria Christina de Souza. Caminhos Metodológicos. In: BARBOSA. Ana Mare. **Inquietações e mudanças no Ensino da Arte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SEBER. M. da G. **A Escrita Infantil: o caminho da construção**. São Paulo: Scipione, 2009.

SOARES, Natália Fernandes. A investigação participativa no grupo social da infância. **Currículo sem fronteiras**, v. 6, n. 1, jan/jun, 2006.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**.1.ed -16. Reimp - São Paulo: Atlas, 2008.

WEITZEL, Antônio Carlos. **Folclore literário e linguístico: pesquisa de literatura oral e de linguagem popular**. Juz de Fora: UDUF JF, 1995.